

Lou como luar (num lugar à janela)

João Pedro Aido

O **relatório final** do projeto Museus do Futuro, de novembro de 2020, faz uma caracterização exaustiva do patrimônio, em termos de museus, palácios e monumentos, e apresenta diversas linhas de ação e recomendações, relativamente à gestão e às coleções, às redes e parcerias, à transformação digital, aos públicos e à mediação. São os museus do futuro que aí antecipamos, se as recomendações forem cumpridas – e é, por isso, significativo que se proponha um acordo de cooperação com o Ministério da Educação para que esses espaços possam ser assumidos como “territórios educativos” e as coleções, em particular, possam ser consideradas “componentes ativas dos currículos” (p. 75). Esta proposta de “incremento da relação [dos museus] com os públicos” (p. 79) passa também por boas práticas, pela formação dos mediadores desses espaços, pela (inevitável) formação de professores e, inclusive, pela sua própria participação nas estratégias de educação e de mediação (dos museus, palácios e monumentos).

Esta coordenação entre diferentes entidades a uma escala mais alargada é uma ideia pertinente, cujo reverso se pode ler num outro **relatório**, de julho de 2019, que sintetiza o estudo de avaliação externa do Projeto-Piloto de Inovação Pedagógica, desenvolvido sob aos auspícios da DGE e que mostra como essas experiências pedagógicas conseguiram, durante três anos escolares, com início em 2016/17, combater as elevadas taxas de retenção e de desistência escolares e, entre outras finalidades, mostrar que a retenção não determina aprendizagens com mais qualidade. Pela análise apresentada, pelos exemplos de inovação pedagógica, pelo envolvimento dos diferentes agentes e pelas próprias limitações das propostas – como as condições da sua eficácia, nas pp. 134-135, podem mostrar *a contrario* – a leitura deste relatório é fortemente recomendada, inclusive como reverso, como dizíamos, das recomendações feitas para os museus do futuro, dado que os projetos de inovação foram desenhados *sem* a intervenção de ‘territórios educativos patrimoniais’ e as parcerias, prémios e entidades envolvidas nas respostas dadas pelos agrupamentos *não tiveram em conta* a dimensão curricular que as coleções dos museus podem assumir: no entanto, partindo de uma *rede forte* de parceiros e agentes, essas dimensões ‘patrimoniais’ de construção de uma educação inclusiva e democrática poderão concretizar múltiplas competências críticas previstas, nomeadamente nas Aprendizagens Essenciais (AE) e no Perfil dos Alunos, abrindo o espaço da sala de aula a novos espaços, a novas narrativas, a novas abordagens representativas da diversidade, dando mais autonomia às escolas e poder aos alunos na construção das suas aprendizagens.

É dessa construção das aprendizagens, mediada pela avaliação formativa, que trata este número especial da revista *Palavras* – número especial por abordarmos o papel formativo da avaliação, retomando as conclusões e várias apresentações do XIV Encontro Nacional da APP, que teve lugar em Chaves, em 2021 (em linha com várias das recomendações, em particular as recomendações 5, 6, 7 e 8, pp. 197-198, do recente **relatório** sobre avaliação das aprendizagens, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian), número especial também pelos destaques e pela intertextualidade que os diferentes textos apresentam, e especial ainda por se tratar do primeiro número da revista em edição exclusivamente digital: deixando de haver a distinção entre a revista em papel e a *Palavras – revista em linha*, que teve quatro números, a revista *Palavras* passa a ser editada em modo exclusivamente digital. Por outro lado, como se pode já subentender a partir da edição dos últimos números do *Boletim dos Sócios*, procuramos gradualmente transferir a secção de Destaques para esta publicação, reservando para a revista os artigos que têm uma revisão por pares (no caso deste número 58-59, o conselho de leitura é constituído pela comissão científica do XIV Encontro Nacional). Mas essa será uma transferência gradual, de modo a mantermos um formato editorial reconhecível em cada uma das publicações, ao longo do tempo.

“As humanidades hoje têm de ligar educação, cultura e ciência, saber e saber fazer”, escreve Guilherme d’Oliveira Martins no prefácio ao *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (p. 6). E defende: “O processo da criação e da inovação tem de ser visto relativamente ao poeta, ao artista, ao artesão, ao cientista, ao desportista, ao técnico – em suma à pessoa concreta que todos somos.” Trata-se de formar pessoas autónomas, responsáveis e cidadãos ativos – porque, “perante os outros e a diversidade do mundo, a mudança e a incerteza, importa criar condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico.” (*id.* p. 5) Conhecer para lidar com a diversidade, a mudança e a incerteza – para formar pessoas autónomas, é isso que fica.

Patrick Leigh Fermor, por exemplo, encontrou na vida monástica um radical desacordo com o mundo exterior, um mundo que inverte completamente e de modo deliberado as normas da vida secular, ao ponto de o escritor considerar que os monges “viviam realmente como se cada dia fosse o último” (Fermor, Patrick Leigh (2018). *Tempo de Silêncio* (p. 45). Tinta-da-China). *Numa suspensão do tempo* – a própria luz nas igrejas parece reproduzir exatamente a atmosfera de um estúdio espanhol no início do século XVII onde “se curvassem em oração os modelos de Zurbarán e El Greco” –, mestres de modelos de *uma essência que fica*: experiências místicas ou exercícios espirituais que deixam nesses retratos vestígios da “noite escura da alma”, da “exploração das mansões interiores” ou da “ascensão às montanhas celestiais” (*id.*, *ibid.*).

Sobre o papel dos mestres – nesses e noutros processos da criação e da inovação – nos falava Maria Helena da Rocha Pereira, em 2006 (“Leiam os grandes autores portugueses, é com eles que nós aprendemos a escrever”, entrevista publicada no n.º 36, outono de 2009, da revista *Palavras*): “O maior prazer de um professor é ter alunos que o acompanhem no seu entusiasmo, no seu gosto pelo estudo, e eu tive essa sorte.” Desse entusiasmo e desse prazer nos falamos, na entrevista deste número, os professores José Pinto Lopes e Helena Santos Silva, que defendem que ‘devemos celebrar e tornar visível o esforço dos alunos’. Dar voz aos alunos, num processo ativo e interativo que resulta em mudanças significativas e permanentes nos conhecimentos, competências, atitudes, crenças. Mudar, mostrando que o aluno é capaz, mostrando aquilo de que ele é capaz. E mostrando que é possível fazer uma avaliação formativa acessível, pouco trabalhosa – isso é um mestre.

Outros mestres mostram-nos como lidar com a mudança, a diversidade e a incerteza, *num mundo em que o tempo não está suspenso*: Joana Batalha, Maria Lobo, Antónia Estrela e Bruna Bragança mostram como os resultados obtidos através de um instrumento de diagnóstico criado no âmbito de um projeto (destinado a avaliar, em contexto escolar, competências nos domínios da consciência linguística, da literacia emergente e da leitura e da escrita) permitem identificar áreas de intervenção prioritária na aprendizagem da leitura e da escrita que podem informar a intervenção em sala de aula. Carla Marques reflete sobre os processos de avaliação do domínio da expressão oral em sala de aula, argumentando em defesa de uma alternativa à conceção predominante que parte tipicamente de uma observação holística que considera a globalidade dos parâmetros que envolvem uma apresentação oral. Cristina Sá mostra a importância de, nos cursos de formação inicial de profissionais de educação, se tratar a avaliação – e as suas dificuldades – como conteúdo a explorar com os estudantes e como elemento da sua própria formação, através da sua participação no processo de ensino e aprendizagem como alunos. Carla Fernandes Monteiro e Fernanda Leopoldina Viana mostram, num estudo quase-experimental, o impacto de uma metodologia de ‘infusão curricular’ adotada numa aplicação, que mostrou ser exequível e um instrumento eficaz para o ensino explícito da competência comunicativa oral nas aulas de Português, nomeadamente no 7.º ano de escolaridade. Noémia Jorge e Filomena Viegas apresentam, enquanto *Exempli Gratia*, uma reflexão sobre a deixis, que pode ser vista mais do que como mero conteúdo gramatical – e ser encarada como ‘ferramenta’ ao serviço da análise de textos literários, de modo a contribuir para o desenvolvimento da competência de leitura literária no ensino secundário. Valter Rato, Susana Pereira e Bianor Valente realizaram e discutem os dados de um estudo empírico concebido para conhecer as conceções dos alunos do 2.º ciclo relativamente ao domínio da gramática, tipicamente considerada ‘problemática’, o que certamente influencia, em círculo vicioso, o processo de ensino-aprendizagem e o desempenho escolar dos alunos. Miguel Baptista Correia mostra, através de um estudo que usa a metodologia de investigação-ação, que o ensino explícito do léxico em atividades de antecipação lexical na pré-leitura se mostrou eficaz e justifica que outras investigações confirmem o potencial pedagógico desta estratégia didática. Maria Alexandra Leitão e Noémia Jorge mostram como, na avaliação externa de Português, nos 2.º e 3.º ciclos, em mais de uma década, entre 2009 e 2021, os documentos curriculares tendem a estabelecer cânones literários escolares fixos, centrados na valorização da literatura nacional e da narrativa, em detrimento da literatura estrangeira (em que se incluem as várias literaturas de língua portuguesa) e dos modos literários dramático e poético / lírico, e em detrimento do caráter pluricêntrico da língua portuguesa. Maria Manuela Chagas mostra, numa ficha pedagógica, como extrair sentido de um texto – proposta tanto mais pertinente quanto vários estudos mostram que, mesmo entre a população escolarizada e alfabetizada, há uma inquietante iliteracia que não permite que jovens e adultos compreendam o que leram.

Neste número especial da revista, destacamos o trabalho do cientista Alexandre Castro Caldas e da poeta e professora Ana Luísa Amaral, que recentemente deixou de estar entre nós.

Alexandre Castro Caldas faz uma pequena mas profunda viagem por algumas informações sobre o cérebro, mostrando como as neurociências da educação e as neurociências cognitivas do desenvolvimento podem contribuir de uma forma importante para a melhoria da educação das crianças – e ajudam a identificar os marcadores neurais de risco, i.e., ajudam a perceber se alguma parte do cérebro de uma criança não está a corresponder para que ela possa ter uma aprendizagem normal. Absolutamente fascinante e decisivo – e saber, ao mesmo tempo, que há todo um trabalho de campo que ainda está por fazer.

Ana Luísa Amaral reflete, como só ela sabia, sobre a linguagem da poesia – gestos da arte consigo mesma e saltos no vazio, como se a poesia fosse escrita numa língua estrangeira (recuperando a afirmação de Maria Irene Ramalho). E a ideia de impressão digital, que nos torna únicos e não só em termos biológicos – também enquanto definição de uma identidade cultural e enquanto *marca da presença* de memórias.

Podemos reconhecer nessas impressões digitais gestos comuns de cidadania (ativa e democrática) em territórios educativos patrimoniais, nos textos de uma tradição permanentemente revista e em diálogo com a contemporaneidade, nas coleções dos museus, por exemplo.

Dois textos neste número da revista são representativos desse diálogo com a contemporaneidade: Paulo Feytor Pinto

e Shiv Kumar Singh reescrevem, no Tempo de Ler, um episódio de *Os Lusíadas* (Chegada à Índia, VII, 16-59), “em linguagem compreensível por jovens, com vocabulário e morfossintaxe contemporâneos, e a generalidade da toponímia tal como o Outro indiano a designa atualmente”, tendo em conta outras reescritas da epopeia camonianiana que ‘sintetizam o episódio’. Uma reescrita que implica um olhar diferente para o Outro e para este episódio podemos encontrar, e ler em intertextualidade irónica, no Cânone Acidental – é o caso de *Uma Viagem à Índia. Melancolia contemporânea (um itinerário)*, de Gonçalo M. Tavares, que é, como diz Eduardo Lourenço no prefácio, uma viagem ao coração do caos (da nossa vida), que em muitas passagens parece o apocalipse de uma ‘viagem ao coração das trevas’ e que surge nesta revista numa tripla intertextualidade (numa tripla viagem): a descrição da Índia feita por Camões, lida por Pinto & Singh e *translida* por Gonçalo M. Tavares.

Marcas diversas da presença de uma memória, uma essência (no sentido das aprendizagens ‘essenciais’): não um mínimo mas um máximo denominador comum (a todos aos alunos) – *é isso que fica*. Ou, noutro exemplo intertextual: quando, no final dos anos oitenta, estudei língua e literatura espanhola na Universidad Complutense, em Madrid, o escritor, professor e filólogo Alonso Zamora Vicente – que acabou por ser dialetólogo porque na faculdade havia um cateadrático dessa disciplina que não podia levantar-se antes do meio-dia, e ele tinha sido sempre madrugador, como se refere neste *in memoriam* – ‘recomendava’ que os alunos faltassem a algumas aulas para conhecerem melhor a arte e a cultura, sugerindo uma visita ao Museu do Prado para vermos dois pequenos quadros de Juan de Flandres, que passariam porventura despercebidos entre as centenas de obras-primas de um dos maiores museus da Europa. Um desses quadros é a representação de *Cristo sentado numa pedra fria*: uma pequena obra-prima de 31x23cm que representa, numa suspensão do tempo, a resignação de Cristo, com a coroa de espinhos e as marcas da Paixão no seu corpo despido, enquanto espera para ser crucificado – e como seria fascinante comparar este texto com o *Evangelho* de Saramago e discutir temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais (citação das competências de Educação Literária nas AE do 12.º ano)!

Exposição de momentos, é isso que fica, **diria Rui Chafes**, cuja exposição em Serralves integra uma peça como *Travessia*, sobre a qual o escultor diz: “Confesso que gostava que as pessoas viessem cá sozinhas, que fizessem sozinhas esta travessia na escuridão para encontrar algo. Uma escultura de betão e de ferro”. Travessias na escuridão para encontrar algo – alegorias da aprendizagem ou um exercício espiritual que Patrick Leigh Fermor certamente poderia ter descrito se este espaço cavado na terra fosse uma igreja, ou uma pedra fria pintada por Juan de Flandres. Encontrar algo, porventura para afastar o temor do aniquilamento, dirá João Miguel Fernandes Jorge (JMFJ) em *Ervas*, na entrada do diário de 10 de fevereiro de 2021: “Lareira acesa. (...) Detrás das lentes grossas, sujas de dedadas, [os olhos semicerrados] afastam o temor, seja qual for o desconhecido a que está ligado o aniquilamento.” E logo a seguir: “O lume está a apagar-se. Lanço-lhe duas pinhas e uma carta do Rui Chafes que acabei de ler. O budismo coloca o nada no início – o ser do fogo.” (Jorge, J. M. F. (2022). *Ervas* (p. 41). Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema.) *Ervas* cria uma profunda intertextualidade com os filmes de Yasujiro Ozu – sobre o autor de *Outono Tardio*, JMFJ cita Tomuya Endó (*id.*, p. 27) para dizer (em francês, tradução nossa) que ‘uma única palavra «MU», o nada, está gravada na sua campa. Não é surpreendente e comovente que um tão grande cineasta, que produziu tantas obras-primas, tenha escolhido este vocábulo como epitáfio?’

Sobre o que fica – e afasta o temor do aniquilamento – fala também Rilke ao pensar em Lou Andreas-Salomé, por quem também Nietzsche se apaixonou, ao dizer que “Lembrar aqui não é suficiente” (Rilke, Rainer M. (2001). *Poemas. As Elegias de Duíno. Sonetos a Orfeu* (Paulo Quintela, Trad., 4.ª ed., p. 272). Edições Asa.), numa inesperada ligação ao *Cristo sentado numa pedra fria*, de Juan de Flandres: “... Não te invento/ em sítios tristemente arrefecidos,/ donde partiste; mesmo o não estares aqui/ está quente de ti e mais real e mais/ do que uma falta.” E acrescenta, a finalizar o poema III, no que poderíamos ver como uma arte poética e uma teoria da influência *avant la lettre*: “Porque eu hei de arrojá-lo/ de mim, enquanto talvez a tua influência/ me é leve, como luar num lugar à janela.” E é isso que fica.